

O CONTO DA AIA: AS CONSTRUÇÕES DE MASCULINIDADE E FEMINILIDADE BASEADAS NA RELIGIÃO

THE HANDMAID'S TALE: THE CONSTRUCTION OF MASCULINITY AND FEMININITY BASED ON RELIGION

*Victória Moura

Recebido em: 13/04/2020

Aceito em: 05/06/2020

Resumo

Esse ensaio busca compreender a relação entre a religião e a construção social dos papéis de gênero no livro O Conto da Aia, de Margaret Atwood (1995). Em um futuro distópico, um grupo fundamentalista cristão autodenominado “Filhos de Jacó” articula e executa um golpe de Estado contra o governo dos Estados Unidos e estabelece a República de Gilead. Neste novo regime totalitário se estabelece uma rígida estrutura social fundamentada em uma interpretação tendenciosa da Bíblia, que categoriza e normatiza os comportamentos de gênero. As novas funções sociais, estabelecidas através de uma autoridade social, moral e legal, reforçam os papéis de gênero, sacralizando a dominação masculina e justificando a submissão feminina em uma paródia da unidade familiar de Jacó, Raquel e Bila.

Palavras-chave: Religião, Papéis de Gênero, O Conto da Aia.

Abstract

This essay intends to understand the connection between religion and the social construction of gender roles in The Handmaid's Tale, by Margaret Atwood (1985). In a dystopian future, a Christian fundamentalist group self-proclaimed “Sons of Jacob” articulates and executes a coup d'état against the United States government and establishes the Republic of Gilead. In this new totalitarian regime, a rigged social structure is established based on a biased interpretation of the Bible, that categorizes and standardizes gender performances. The new social roles, established by a social, moral and legal authority, enhance the gender roles, turning the male domination into a sacred element and justifying the female submission in a family unit parody of Jacob, Rachel and Leah.

Key Words: Religion, Gender Roles, The Handmaid's Tale.

1 Introdução

O conto da Aia (The Handmaid's Tale) é um romance distópico escrito por Margaret Atwood e publicado em 1985. O livro é narrado por Offred, uma Aia na nova República de Gilead, que descreve a nova organização social depois da tomada de poder nos Estados Unidos

por uma religião fundamentalista cristã autointitulada “Filhos de Jacó”. Essa organização acreditava que a nova ordem social, na qual os homens de fé controlam a sociedade e as mulheres regressam ao lar após as diversas ondas do feminismo nos Estados Unidos, era uma

forma de remediar os altos índices de infertilidade de acordo com os preceitos religiosos patriarcais.

Para estabelecer a República de Gilead, os “Filhos de Jacó” articulam e executam um golpe de Estado, agindo de forma lenta para instituir, sem muita resistência por parte da população, um governo totalitário fundamentado na religião. Essa transição do governo democrático estadunidense para o Estado totalitário e teocrático de Gilead é descrito por Offred, como uma mudança gradual, já que “Nada muda instantaneamente: numa banheira que se aquece gradualmente você seria fervida até a morte sem se dar conta.” (ATWOOD, 2017, p. 71). Através do desmantelamento da democracia, com a suspensão da Constituição, o assassinato de líderes políticos e a retirada gradual dos direitos, se estabelece um novo governo e uma nova organização social que divide a população em castas rígidas com funções e vestimentas determinadas.

Ao pensar a sociedade em O conto de Aia, Kouhestani (2012) afirma que a história une ironicamente ideologias extremistas: (i) o direito puritano, em que o lar seria o lugar apropriado para as mulheres, tidas como propriedade dos homens, (ii) o feminismo, que protesta contra a objetificação das mulheres e de seus corpos, e (iii) o fundamentalismo religioso extremista, que deseja controlar todos os aspectos da vida dos indivíduos através de governos totalitários.

O fundamentalismo religioso de Gilead não se baseia apenas nos princípios cristãos, mas sim em uma agregação de ideias de religiões ocidentais, unindo o patriarcado do Velho Testamento com o Puritanismo Protestante e com os valores tradicionais da nova Direita. Essa união de valores é então utilizada para reforçar os papéis de gênero, garantindo a hegemonia masculina

que controla o corpo das mulheres e estabelece como norma os costumes heteronormativos (MICELI, 2018).

Offred descreve, além de acontecimentos da sua vida pessoal antes e depois da tomada de poder, a nova estrutura social, hierárquica e baseada na divisão sexual da sociedade e os comportamentos determinados pela religião. Essa nova hierarquia social da República de Gilead é baseada em castas e justificada pela Bíblia, como a existência e funções das Aias, explicada pela passagem em Gênesis 30:1-3,

- 1 Vendo Raquel que não dava filhos a Jacó, teve inveja de sua irmã, e disse a Jacó: Dá-me filhos, se não morro.
- 2 Então se acendeu a ira de Jacó contra Raquel, e disse: Estou eu no lugar de Deus, que te impediu o fruto de teu ventre?
- 3 E ela disse: Eis aqui minha serva Bila; coabita com ela, para que dê à luz sobre meus joelhos, e eu assim receba filhos por ela.

Estas seriam, portanto, representações da serva Bila, a única capaz de trazer filhos a Jacó e Raquel, correspondentes aos Comandantes e suas Esposas. Segundo Miceli (2018), nessa sociedade o patriarcado define a vida pública e pessoal dos indivíduos, construindo um novo arranjo familiar formado pelo Comandante, Esposa e Aia, em uma paródia dessa unidade familiar bíblica.

Essa passagem bíblica é interpretada e utilizada para justificar a exploração sexual de mulheres férteis (MICELI, 2018) em um período histórico de infertilidade provocada pelo uso de medicamentos e comprimidos pelas mulheres e por fatores externos a elas, como a explosão de usinas atômicas, pulverização e uso excessivo de substâncias químicas.

O regime totalitário da República de Gilead coloca as

mulheres em uma posição de vítimas da própria sociedade, que abusa dos valores religiosos e os coloca como base para estabelecer as normas sociais (KOUHESTANI, 2012). Essa sociedade se sustenta na noção bíblica de que os homens são mais importantes que as mulheres, sendo eles os detentores dos poderes político e econômico por meio do qual controlam todas as áreas da vida dos indivíduos. Gilead, governada por esse regime totalitário, possui uma rígida estrutura social formada por diversas castas, que determinam funções, comportamentos e vestimentas dos indivíduos pertencentes. A divisão dessa estrutura social se dá especialmente por gênero, com funções atribuídas específicas à posição dos indivíduos na sociedade.

Os homens estão divididos em 5 classes, sendo elas:

(i) Comandantes dos Fiéis, formada pelos governadores da República de Gilead que estão no topo da hierarquia social e impõem as normas sociais a todas as outras castas, (ii) Olhos de Deus, formada pelos homens da polícia secreta de Gilead, responsáveis por manter a ordem e punir infiéis e traidores, (iii) Anjos, formada pelos homens do serviço militar que servem na linha de frente nas guerras de Gilead, (iv) Guardiões da Fé, formada por homens que funcionam como força policial nas cidades, não sendo realmente soldados, e (v) os homens comuns, que não possuem uma função específica e são casados com as Econoesposas.

Já as mulheres estão divididas em: (i) Esposas dos Comandantes, formada pelas mulheres da classe mais alta que desfrutam de muitos privilégios, mas ainda submissas aos homens na hierarquia social, (ii) Tias, formada pelas mulheres responsáveis pelo treinamento das Aias, execuções e partos, (iii) Marthas, formada pelas empregadas domésticas das famílias mais ricas

de Gilead, (iv) Aias, formada pelas mulheres férteis que “auxiliam” os Comandantes e Esposas a terem filhos, (v) Econoesposas, formada pelas mulheres dos homens comuns que não possuem apenas uma função específica e atuam em todas elas, e (vi) Não-mulheres, formada por mulheres dissidentes que são enviadas às Colônias, onde são forçadas a realizar trabalhos manuais árduos, ou ao bordel, no qual são forçadas à prostituição e denominadas “Jezebéis”. Todas as mulheres, com exceção das Tias, são proibidas de ler e escrever. Essa proibição é tão extrema que até mesmo os letreiros das lojas e títulos de filmes são retirados e censurados.

2 A influência religiosa sobre os ideais sociais de gênero

Na República de Gilead, a religião exerce uma grande influência na “[...] constituição e manutenção da representação social do homem e da mulher.” (LE MOS, 2008, p. 11) e das funções atribuídas à estes gêneros. As construções da feminilidade/masculinidade e as funções específicas impostas aos gêneros e castas são justificadas pela interpretação da Bíblia pelo grupo dominante, que manipula e impõe sua própria compreensão de certo e errado no contexto religioso.

Todas as pessoas que habitam Gilead estão sujeitas à influência legal e coercitiva da Igreja, que permeia seus discursos com idealização das relações sociais de sexo e impõe funções sociais através desta, realizando a manutenção da sociedade através de ideais sociais de gênero (LE MOS, 2008). Essa manutenção se dá, portanto, através da imposição da reprodução do ethos religioso (SOUZA, 2008) por todos os indivíduos da sociedade,

mesmo por aqueles que não possuíam previamente um vínculo formal com a religião agora dominante, agora se adequando às novas normas sociais como uma estratégia de sobrevivência nessa forma de organização social.

A religião nas relações de dominação pode ser compreendida como uma fonte de poder próprio, poder sagrado, e como uma fonte de poder secular, que influencia a sociedade não apenas nos âmbitos culturais, políticos e econômicos mas também de forma sociopessoal (WOODHEAD, 2013). Nesse sentido, a religião reforça e transforma as relações de dominação de gênero, legitimando e sacralizando a repartição sexuada do poder e a desigualdade entre os sexos (WOODHEAD, 2013).

O fundamentalismo religioso de Gilead se encaixa na definição de religião da diferença de WOODHEAD (2013), de forma que o poder é concentrado e controlado, distribuído na organização social e religiosa hierarquicamente. Dessa forma, a religião coloca como norma social a dominação por parte dos homens, sacralizando o poder masculino na sociedade e na religião e garantindo a ordem sexuada dominante (WOODHEAD, 2013).

Os valores promovidos nessa sociedade hierárquica e dominada por homens reforça a desigualdade entre homens e mulheres na medida em que defende uma divisão tradicional dos papéis de gênero, fundamentado na supremacia do chefe de família, exemplificado em Gilead pelos Comandantes, e na vocação doméstica da mulher, exemplificado pelas Esposas, Marthas e Aias (WOODHEAD, 2013).

2.1 A construção da masculinidade pela religião

Segundo Fernanda Lemos (2008), um dos determinantes da masculinidade é a religião, além da época, lugar e sociedade. A construção da masculinidade em O conto da Aia também está intimamente ligada a esses determinantes, especialmente à religião, que dita comportamentos, hábitos, roupas e funções sociais de acordo com o gênero/sexo e categoria social. Essa construção de masculinidade, sistematizada através de símbolos, é eficaz na medida em que a sociedade, baseada na religião e interpretação própria da Bíblia, deposita expectativas nas funções desempenhadas por cada um (LE MOS, 2008).

A construção da masculinidade é desenvolvida em relação com a feminilidade, em que cada representação é estruturada na tensão, conflito e oposição entre o comportamento esperado de homens e mulheres (LE MOS, 2008). Isso pode ser percebido na oposição entre as funções atribuídas às mulheres, sempre voltadas para o lar, seja na função de Aia, Martha ou Esposa, e aos homens, seja na função de Comandante, Olho ou Anjo, voltadas para o âmbito público.

Segundo Lemos (2008), os discursos e práticas religiosas dão ao homem uma “[...] semelhança eterna com a divindade, desde que exerça a masculinidade imposta na religião.” (LE MOS, 2008, p. 4). Isso se traduz na ficção de Margaret Atwood (2017) na associação dos Comandantes como chefes e donos da casa, de forma que tudo é dele “para possuir e manter sob controle” e todos que a habitam são “pertencentes à casa” (ATWOOD, 2017, p. 99). A autora também afirma que a religião mantém a masculinidade como uma “categoria universal sacralizada”, legitimada pelas ciências biológicas e imposta como um ideal hegemônico (LE MOS, 2008). Os

comportamentos de gênero, no contexto de O conto da Aia, se apresentam como uma estrutura legal (LEMOS, 2008), de forma que os indivíduos desviantes dessa norma são severamente punidos com base nas normas impostas.

A representação de Deus marcada por atributos “masculinos” supervalorizados auxiliam socialmente (LEMOS, 2008) na construção da masculinidade e na hierarquia social dominada por homens em Gilead, conferindo aos homens, especialmente aqueles que instituíram a nova ordem social, um status divino, de chefe responsável por manter sob controle seu lar e a sociedade. A imagem do homem como provedor, baseado no ideal cristão de masculinidade, é também justificativa para a permanência das mulheres no lar, de forma que essas são responsáveis apenas pelo cuidado e afastadas dos espaços de poder e decisão.

2.2 A construção religiosa da feminilidade

De acordo com Souza (2008), o sistema simbólico-religioso é um importante mecanismo na construção da subjetividade humana, atuando de maneira estruturada e estruturante na organização de uma nova estrutura social. O gênero, sendo “[...] um conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana.” (SOUZA, 2008, p. 19), associa-se com as relações sociais marcadas pelas diferenças entre o feminino e o masculino, concepções naturalizadas e sacralizadas pela construção de masculinidade e feminilidade baseada na religião (SOUZA, 2008). A religião exerce então uma função de produção e reprodução de sistemas simbólicos, com

influência direta sobre as relações sociais de sexo, atuando na conformação das identidades de gênero (SOUZA, 2008). O sistema religioso constrói uma cosmovisão orientadora aos indivíduos, indicando os papéis por gênero em uma sociedade norteadas pelo fundamentalismo religioso.

Nesse contexto, as mulheres são obrigadas a abandonarem suas antigas funções sociais, sendo relegadas agora para o lar e para a (possibilidade de) família. Após a retirada gradual dos direitos das mulheres conquistados pelos movimentos feministas, elas retornam à condição de donas de casa, sem possibilidades de entrarem para o mundo do trabalho ou de terem liberdade de decisão. As categorias de liberdade são definidos e distinguidos por Tia Lydia no livro, afirmando a perda da “liberdade para”, que possibilitava às mulheres a decisão de fazer ou não fazer algo, e o ganho da “liberdade de”, que “livra” as mulheres de alguma coisa, como o assédio e o desrespeito dos homens, de forma que agora não teriam de andar nas ruas com medo.

Porém, essa “liberdade de” implica, e justifica, inúmeras outras proibições, que afetam e transformam completamente a vida das mulheres que habitavam os Estados Unidos antes de se tornar a República de Gilead. A religião, sendo um sistema simbólico, implica em transformações sociais e na criação de novas relações de poder, de classe e de gênero (SOUZA, 2008), resultando em um sistema cultural baseado na oposição entre as funções de gênero, impondo às mulheres uma vida restrita à esfera privada enquanto os homens teriam liberdade para transitar na esfera pública. Esse reforço do lugar social da mulher baseado na religião exalta especialmente a maternidade como uma “vocação natural”, definindo por meio disso a própria identidade das mulheres (ROSADO-NUNES,

2015), exemplificado pelas Esposas e Aias em Gilead.

As Esposas, como Serena Joy, apoiaram o movimento fundamentalista religioso, ainda que este lhe fosse retirar direitos quando instaurado. Esse apoio é explicado por Woodhead (2013), que afirma uma atração das mulheres pelo ideal doméstico da célula nuclear, que as protegeria do perigo das rupturas familiares. Às mulheres é facultada a responsabilidade do que seria impossível aos homens, de impor limites, como afirmado por Tia Lydia que “Toda carne é fraca. [...] Deus os fez assim, mas Ele não as fez assim. Ele as fez diferente. Cabe a vocês impor os limites.” (ATWOOD, 2017, p. 57). Elas deveriam então ser os seres racionais, que teriam uma virtude divina de reconhecer o certo e errado e de impor limites aos homens no que se diz respeito ao corpo.

Caberia também às mulheres a capacidade ou não de ter filhos, de forma que os homens nunca poderiam ser considerados estéreis e sim elas que, por lei, estavam divididas entre “mulheres que são fecundas” e “mulheres que são estéreis” (ATWOOD, 2017), pertencendo apenas a elas a responsabilidade de prover filhos aos maridos, seja por si mesma ou por meio das Aias.

2.3 Aias: a infantilização e objetificação das mulheres reprodutoras

Além de todos os estereótipos associados às mulheres em O conto da Aia, existe ainda uma classe de mulheres que sofrem opressões mais específicas: as Aias. Estas mulheres são tratadas de forma infantilizada e objetificada, em que sua única relevância social se dá pela sua capacidade reprodutiva. Essa reificação é exemplificada pela fala de

June, que afirma que seu corpo, antes um instrumento para realizar suas próprias vontades, agora é “[...] uma nuvem, congelada ao redor de um objeto central, [...] que é duro e mais real do que eu” (ATWOOD, 2017, p. 90).

O valor dessas mulheres está, portanto, apenas em seu útero e na possibilidade de gerar outra vida, de forma que a cada vez que não conseguem engravidar, são consideradas fracassos e falhas em “[...] satisfazer as expectativas dos outros” (ATWOOD, 2017, p. 90), sendo estes não apenas Comandante e a Esposa, mas toda a sociedade de Gilead, em que as crianças são vistas como um milagre divino.

Devido ao valor dado ao corpo das Aias, a sociedade de Gilead não permite que estas os corrompam de qualquer forma, alienando-as completamente de sua natureza e identidade e tirando o direito de controle do próprio corpo (KOUHESTANI, 2012). O corpo dessas mulheres passa a ser visto, portanto, como um corpo de produção e como propriedade da nação, de forma que seriam consideradas “uma riqueza nacional” (ATWOOD, 2017, p. 80), cujo objetivo seria a multiplicação, ordem divina dada por Deus.

A violação do corpo das Aias se dá através da “Cerimônia”, realizada uma vez por mês na intenção de resultar em filhos para a casa e expressa o papel social dos indivíduos envolvidos (MICELI, 2018). A Aia, totalmente vestida, é deitada com a cabeça entre as pernas da Esposa para a concepção, de forma a simbolizar que são “[...] uma mesma carne, um mesmo ser.” (ATWOOD, 2017, p. 114), mas esse ato significa o controle do processo e do produto da ação (MICELI, 2018) por parte da Esposa e do Comandante.

A opressão dessas mulheres se dá de diversas maneiras, de forma a garantir a submissão e aceitação do lugar que agora ocupam na sociedade. O afastamento é um

desses métodos, sendo que as Marthas, mais próximas das Aias na hierarquia social por também serem servas da casa, são proibidas de confraternizar com estas (ATWOOD, 2017). Aos Comandantes também é vedado qualquer contato fora da Cerimônia, já que as Aias são apenas para fins de “procriação” (ATWOOD, 2017, p. 165), não devendo interagir de qualquer forma e se distanciando das categorias de concubina. As Esposas, pela posição que ocupam na organização social, enxergam as Aias como “[...] uma vergonha; e uma necessidade.” (ATWOOD, 2017, p. 22), de forma que o contato entre essas é também improvável.

Devido a todo esse afastamento, Offred afirma querer estar com alguém, já que “[...] ninguém morre por falta de sexo. É por falta de amor que morremos.” (ATWOOD, 2017, p. 125), revelando a efetividade do isolamento dessas mulheres. A única forma de contato permitida é o diálogo entre as Aias, especialmente entre as duas companheiras de compras quando estas saem para a tarefa obrigatória diária: ir ao mercado. Entretanto, nesse contexto, ambas são percebidas como espiãs, de forma que se alguma destas escapar, a outra será considerada responsável (ATWOOD, 2017).

Além do isolamento, as Aias sofrem também um processo de infantilização, sendo afastadas do mundo adulto e do conhecimento de qualquer coisa além da realidade por elas vivida. Esse processo é relatado por Offred quando esta não tem suas perguntas respondidas por uma Martha, afirmando que “Sou uma criança por aqui, há coisas que não me devem ser contadas.” (ATWOOD, 2017, p. 67).

Outra forma de opressão sofrida é a culpabilização dessas mulheres por assédios e estupros sofridos antes da tomada de poder, especialmente durante os

treinamentos. Tia Lydia afirma que com o comportamento das mulheres nos tempos passados, que andavam de costas, ombros e pernas nuas em público, “[...] não é de se admirar que aquelas coisas costumassem acontecer” (ATWOOD, 2017, p. 69), se referindo às coisas desagradáveis, ofensivas, obscenas ou horríveis demais para serem ditas. Esse argumento é reforçado pela noção de responsabilidade apenas da mulher, já que os homens, de acordo com o fundamentalismo religioso pregado pelas Tias, não tem limites e cabe às mulheres a imposição deles (ATWOOD, 2017) e pela noção de que Deus permitia que essas coisas terríveis acontecessem para “ensinar uma lição” (ATWOOD, 2017, p. 88).

As Aias teriam, em tese, uma escolha entre servir ou não nessa posição. Entretanto, a alternativa dada é serem colocadas na categoria de Não mulheres e servir nas Colônias, onde as condições de vida são precárias e as mulheres poderiam “[...] morrer de fome e Deus sabe o que mais” (ATWOOD, 2017, p. 18).

Todos esses processos resultam na perda da identidade dessas mulheres, simbolizada pela proibição do uso do seu nome verdadeiro, substituído pelo nome do Comandante da casa que lhe foi atribuída. Essa atribuição remete ao homem como a origem e a mulher como diferente, mas ainda pertencente ao homem (MICELI, 2018). As Aias passam então a serem chamadas pelo prefixo “Of-” seguida do nome do Comandante dos Fiéis a quem serve, indicando sua condição de propriedade deste.

3 Conclusão

A religião fundamentalista cristã, pilar da sociedade de Gilead, categoriza e normatiza os comportamentos por

gênero, transformando-os em tradições sociais (LEMOS, 2008). Essa naturalização é exemplificada por Tia Lydia, que afirma que as Aias são “[...] uma geração de transição. [...] Para as que vierem depois de vocês, será mais fácil. [...] Porque não vão querer coisas que não podem ter.” (ATWOOD, 2017, p. 143-144). Isso revela tanto a tentativa de normalização das funções sociais das Aias neste momento, quanto uma naturalização progressiva que será passada para as próximas gerações de mulheres em Gilead.

Segundo Maria José Rosado-Nunes (2015), a religião utiliza da sua autoridade social e moral, e no caso da República de Gilead também da autoridade legal, para legitimar situações de dominação e exploração fundamentadas no gênero, além de criar suas próprias formas de opressão. Em *O conto da Aia*, a religião mantém, portanto, a ideia de inferioridade da mulher mesmo diante de mudanças políticas e sociais (ROSADO-NUNES, 2015), sendo o fundamentalismo religioso de Gilead responsável pelo retorno à submissão completa das mulheres após as diversas ondas do feminismo nos Estados Unidos.

NOTAS

* Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília (UnB).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATWOOD, Margaret. *O Conto da Aia*. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BÍBLIA. A. T. Gênesis. In: BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1966.

KOUHESTANI, Maryam. Sexual oppression and religious extremism in Margaret Atwood’s *the Handmaid’s tale*. *International Proceedings of Economics Development and Research*, 56, 129-133. 2012.

LEMOS, Fernanda. A representação social da masculinidade na religiosidade contemporânea. *Revista Netmal*, 2008.

MICELI, Barbara. Religion, gender inequality, and surrogate motherhood in Margaret Atwood’s “*The Handmaid’s Tale*”. *Comparative Studies in Modernism*, 12, 95-108. 2018.

SOUZA, Sandra Duarte de. A relação entre religião e gênero como um desafio para a Sociologia da Religião. *Caminhos*, Goiânia, v. 6, n. 1, p. 13-32, jan./jun. 2008.

WOODHEAD, Linda. As diferenças de gênero na prática e no significado da religião. *Revista Estudos de Sociologia*. Araraquara v.18 n.34 p.77-100 jan.-jun. 2013.

ROSADO-NUNES, Maria José. Gênero e experiência religiosa das mulheres. In *Corporeidade, etnia e masculinidade: Reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião* / [Organização de] André S. Musskopf e Marga J. Ströher – São Leopoldo: Sinodal, 2015.